

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2367

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUINTA FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1925

## Considerações oportunas sobre a situação de um homem que foi deportado para Biarritz com passagem por Paris

Há dias foi preso o sr. Homem Cristo Filho, director da *Informação*. Mas sobre os motivos da sua detenção pairou sempre uma densa névoa de mistério—tão densa como aquela que pairava, e ainda paira, sobre os motivos da fundação do seu jornal.

Porque foi preso o sr. Homem Cristo? Ninguém sabia ao certo. Corria ao mesmo tempo, nessa ocasião, o boato de que iam ser presas outras individualidades que nós sabemos estarem, ou terem estado, intimamente ligadas e entendidas em certo negócio onde se encontravam em jogo certos interesses italianos, a que *A Batalha* já fez em tempos larga alusão. Teria a prisão do sr. Homem Cristo Filho qualquer ligação com essa questão gravíssima?—preguntámos a nós próprios. Ficámos aguardando o decorrer dos factos para nos pronunciarmos com segurança.

Entretanto, o sr. Homem Cristo Filho, que é pessoa em que nunca tivemos nem temos a menor confiança, escrevia-nos uma carta, tratando-nos por camarada e explicando que o prenderam por ter atacado o Banco de Portugal na sua como não tínhamos base para poder negar categoricamente que o motivo da prisão do sr. Homem Cristo fosse outro que não aquele que ele dizia, formulámos o nosso protesto contra a violência de que era vítima.

Cumprimos o nosso dever. E certo que indícios vários que andamos coligindo, informações particulares, pormenores suspeitos, e a própria vida suspeita e dificilmente explicável com clareza que o perseguido de agora vinha mantendo, de há anos para cá, nos segredavam que nós não devíamos ser demasiado zelosos—como o foi o Sindicato dos Profissionais da Imprensa—em levar o nosso protesto até exageros que pudessem confundir as nossas intenções nítidas com as intenções nebulosas que levaram aquele homem a fundar a *Informação*. E ficámos-nos no protesto pró-forma. Somos suficientemente sinceros para confessar que o nosso protesto não passa de um pró-forma.

A seguir surge a notícia de que o sr. Homem Cristo Filho iria ser posto na fronteira. Porquê? Não se sabia. E ainda de uma maneira imprecisa, vaga, se disse que a sua expulsão era motivada pelo ataque que *A Informação* fizera ao Banco de Portugal.

Achámos demasiado rigor da parte do governo, não porque o não soubéssemos capaz de práticas idênticas mas porque nós, aqui na *Batalha*, temos dito as verdades mais amar-

gas acerca do Banco de Portugal sem que a censura nos cortasse uma linha, nem os governantes nos deportassem para... Paris. Se o sr. Homem Cristo era posto na fronteira por esse motivo teríamos nós de reclamar, de protestar, já porque se tratava de uma violência, já porque o público poderia julgar que *A Batalha* era favorecida com um tratamento especial que nunca aceitaríamos nem deste, nem de outro qualquer governo.

A hipótese mais aceitável seria, pois, a de que o director da *Informação* era posto na fronteira por todos os motivos, menos pelo da orientação da sua gazeta em face do Banco de Portugal. Portanto, há outro motivo.

Parece-nos que esse motivo é infinitamente mais grave. E com esse motivo não nos solidarizariamos nunca.

Ao certo, com precisão, ninguém pode afirmar de maneira categorica:—O sr. Homem Cristo Filho foi expulso por esta ou aquela razão.

Portanto, não temos que dar a nossa solidariedade ao sr. Homem Cristo Filho, que não é um profissional de imprensa, que é um vago jornalista, defensor não sabemos de que interesses.

Quando muito poderemos criticar com aquela aspereza a que a nossa sinceridade obriga, o acto do governo.

Mas tanto protestamos contra o desterro do sr. Homem Cristo Filho, como do José dos Anzós, que neste ponto, como vítimas, nos mereceriam igual consideração.

Entendemos que não temos de prestar solidariedade jornalística ao sr. Homem Cristo Filho. E não lhe prestamos. E não o visitamos na cadeia. E não lhe enviaremos telegramas de saudação. Apenas discordamos da forma como o governo pretende, com este precedente, castigar quaisquer delitos por mais graves que eles sejam. E o acto do governo merece muito mais a atenção de toda a gente que presa a liberdade do que o sofrimento pessoal do sr. Homem Cristo Filho, deportado para... Biarritz com passagem em Paris.

**Para garantir a existência de A BATALHA bastará que cada leitor lhe arranje outro leitor, que cada assinante lhe arranje um novo assinante.**

## Notas & Comentários

Uma coisa de homenagem

Portugal é um país onde a oferta dos banquetes é vulgar. Oferecem-se jantares e almoços a toda a gente, excepto aqueles que têm fome. A propósito de tudo e de nada—um banquete. Ora, comer não é nada desagradável; o que não agrada nessas ocasiões são os discursos, principalmente quando o pacoço convivia de poucas falas e o obrigam a falar por força. Em regra, os banquetes são oferecidos a quem não os merece. O Diário da Manhã vai, ao que nos consta, oferecer uma coisa ao Pinheiro Machado, cujo elogio já tivemos na honra de trazer há anos nas colunas deste jornal. Achamos bem. E talvez façamos neste caso uma excepção, colaborando numa das poucas homenagens merecidas que se têm promovido em Portugal...

A sensibilidade das plantas

As últimas descobertas científicas provaram de uma maneira convincente que as plantas têm como nós, homens, um sistema nervoso meliormemente organizado. Portanto, possuem sensibilidade e não é de estranhar, embora não o saibamos ao certo, que sofram como nós sofremos. Agora um sábio indú descobriu que algumas plantas possuem coração. Há além disso as sensitivas que ouvem o ruído e se agitam, cercando as folhas, quando se lhes mexe. Existem outras plantas cruéis que se alimentam de carne como os animais ferozes. Verifica-se, pois, que as plantas sentindo, tendo coração, nervos e apetite de bifes, parecendo-se tanto com os homens, devem ser susceptíveis de sofrer de... neurastenia.

**Para garantir a existência de A BATALHA bastará que cada leitor lhe arranjasse outro leitor, que cada assinante lhe arranjassem um novo assinante.**

atenção, porque teríamos de responder no mesmo tom e nós não estamos dispostos a trocar a nossa linguagem pela linguagem papal... Perderíamos com a troca—nós e os leitores...

## "A BATALHA" AINDA NÃO ESTÁ LIVRE DE PERIGO MAS ENQUANTO HÁ VIDA, HÁ ESPERANÇA

Longe estamos ainda de poder afirmar que *A Batalha* está livre de perigo. Estamos ainda muito longe disso, infelizmente. Mas uma esperança forte nos tem sido inculcada, já pelas inúmeras cartas que temos recebido, já pelas importâncias que lentamente têm chegado à nossa administração.

Em alguns dias a subscrição pró-salvação de *A Batalha* atingiu a quantia de mil escudos. Esta quantia, que nada é por enquanto para a liquidação de compromissos tomados, constitui um indicio seguro de que *A Batalha* mais uma vez não suspenderá, porque o povo trabalhador, sabendo da falta irremediável que essa morte representaria, está disposto a salvá-la, custe o que custar.

Muito nos auxiliariam também os nossos agentes e assinantes, liquidando tão depressa quanto possível as suas contas em débito, porque todas juntas formam uma quantia considerável que representaria, uma vez liquidada, um forte amparo para este jornal.

Costuma-se dizer: enquanto há vida há esperança. A esperança não abandonou os que trabalham nesta casa visto que *A Batalha* ainda vive e não nos falta energia para fazê-la viver. Oxalá o proletariado corresponda à nossa energia com o seu auxilio pronto, rápido, que definitivamente salve *A Batalha* dos apuros em que neste momento está mergulhada.

Além das importâncias de auxilio tem *A Batalha* recebido inúmeras cartas, todas elas incitando-nos a que prossigamos sem desfalecimentos no combate que, há perto de oito anos, vimos dando à burguesia capitalista.

Reproduzimos hoje algumas dessas cartas, algumas bem comoventes como a que a seguir inserimos:

**Camarada redactor:** Ao ler o apelo feito em favor do nosso querido jornal, quis responder logo no mesmo dia. Não o consegui fazer, porém, por me encontrar muito abalado de saúde, sofrendo uma terrível e perniciosa doença de pulmões. Mas isto não me impede de auxiliar o defensor daqueles que, como eu, arruinam a saúde trabalhando e morrendo de fome para encher os cofres à maldita seita capitalista, tendo por recompensa o hospital.

Se o nosso jornal desaparecesse nunca mais saberíamos quem eram os verdadeiros ladrões e exploradores da classe trabalhadora, não mais saberíamos quem eram os maus políticos, não mais saberíamos dos crimes praticados pelo jesuitismo, que tenta por todas as formas inutilizar aqueles que desejam uma sociedade livre de todas as seitas.

Cumprindo, pois, o meu dever junto a esta a quantia de 3000 para auxiliar o nosso jornal a fim de poder continuar a sua luta gloriosa que vem mantendo desde o seu primeiro número. Lamento que meus meses de doença não me permitam enviar um dia de trabalho. Se não estivesse enfermo, a pesar de ter quatro filhos a sustentar, o meu dia de salário estaria certo.

Saúdações do  
**Alvaro Pereira**  
Hospital de Santa Marta, enfermaria M. S. A., cama n.º 26.

**Camarada director:** Ao deparar com a notícia tarjada de negro do número da *Batalha* de sexta-feira p. p. tive o meu presentimento de que mais um militante operário faleceria. Mas não, tratava-se da dolorosa agonia do órgão dos trabalhadores. E preciso não deixar morrer *A Batalha*. Seria uma cobardia da parte dos exploradores e oprimidos deixar de concorrer monetariamente para um diário que se tem sacrificado pelo povo trabalhador e que na presente data, mais do que nunca, precisa de viver para levar até ao fim a guerra sem tréguas que travou com o capitalismo, atacando fortemente o câmbio financeiro. Oxalá todos os trabalhadores o compreendam, como eu, para que o nosso jornal viva e prospere.

Sem mais, saúdações sindicais do **Mário Martins Moreira**.  
Coimbra, 14 de Agosto de 1926.

De Fanhões recebemos também a seguinte carta:

**Camarada director:** O grito de alarme proferido pela *Batalha* causou-nos profunda consternação. Se o órgão dos trabalhadores deixasse de publicar-se seria a ruína da classe operária. Por isso, camarada, tenho fé em que com um pouco de sacrifício o perigo desaparecerá por completo. Envio-lhe 2100 de um grupo de amigos e espero em breve enviar-lhe mais.  
Saúde e Revolução Social.  
**Eusébio Ferreira**, correspondente em Fanhões.

## Sob a inspiração de Nossa Senhora do Ar

Um discurso de um amigo da "Epoca" onde sobejam os lugares comuns

Terminaram anteontem, em Sintra, as festas da Aviação. Assistiu muita gente de vulto e o banquete foi, ao que parece, bem servido.

Iniciou a série de brindes um querido amigo da *Epoca*, o dr. Alvaro de Vasconcelos, que leu um longo discurso queaquele jornal reproduziu na íntegra.

De toda a festa, que foi promovida pela comissão religiosa da Nossa Senhora do Ar, o que mais nos interessou foi o brinde do sr. Vasconcelos, porquanto não nos lembra de ter visto tanto lugar. E para que os leitores não julguem que se trata de uma invenção nossa, vamos, por nossa vez, reproduzir uma pequena amostra da longa peça oratória, pondo em itálico os lugares comuns mais evidentes:

—A posição que as circunstâncias me forçaram a ocupar nesta mesa, constitui-me no indeclinável dever, que considero honra

Transporte	906\$20
José Sancho (Pombal)	25\$00
R. V.	2\$50
M. Café Almançil	\$50
M. S. Paracho	\$50
Manuel Nunes Ribeiro	5\$00
Manuel M. Costa	20\$00
Um grupo de trabalhadores do Depósito Central de Fardamentos	35\$00
Geraldo Brites	20\$00
S. A. Cortes, Maria R. Cortes, António S. Cortes e Francisco A. Cortes	5\$00
Vivaldo Fagundes	5\$00
Domingos Afonso Ribeiro	5\$00
Manuel Silva Marques	5\$00
António Pereira Oliveira	10\$00
Sousa Dias	2\$50
Laura da Conceição	10\$00
Alfredo Marques Reis	10\$00
Quele aberta pela Associação dos Manipuladores de Pão de Coimbra. Contribuintes: Manuel Rosa, 3\$00; João Custódio da Rosa, 3\$00; Manuel Almeida, 3\$00; Joaquim F. de Carvalho, 3\$00; Albino António, 2\$50; Joaquim L. Bacelar, 3\$00; Ernesto de Carvalho, 3\$00; José Marques, 5\$00; Augusto Marques da Silva, 2\$50; David dos Santos d'Oliveira, 3\$00; Manuel Rodrigues, 2\$50; Ildio Gonçalves, 2\$50; Caetano Simões Zarco, 3\$00; António Pedrulla, 1\$50; João P. Leiria, 1\$50; Mário M. Moreira, 5\$00; do cofre da Associação, 21\$00. Soma	70\$00
Um grupo de presos da sala 2 do Limoeiro. Contribuintes: José Conde Gaona, 2\$50; António Maurício, 2\$50; Artur Gomes Pereira, 2\$50; Constantino Ferreira da Silva, 2\$00; António José Ferreira, 2\$00; João Dias da Silva, 1\$00; António Braga, 1\$00; Joaquim dos Anjos, 1\$00; José da Silva, 1\$00; Jaime Rodrigues Vitor, 1\$00; Angel Branco, 1\$00; António Augusto Pinto, 1\$00; Joaquim Marques Moreira, 1\$00; José Pereira Júnior, 1\$00; Francisco Moreira da Silva, 5\$0. Soma	20\$00
Quele na Cadeia de Extremo. Contribuintes: Diamantino da Silva, 1\$00; Joaquim Trigueiro, 2\$00; Arsenio Borges, 5\$0. António Júlio L. J., 5\$00. Soma	9\$10
Quele em Veiros. Contribuintes: José Valente, 5\$00; Alberto Sousa Fialho, 5\$00; José Vitorino Oliveira, 5\$00; Idem, 5\$00. Soma	20\$00
Augusto Fernandes (piutor)	10\$00
A transportar	1.191\$80

## 1 Escudo em Prata

Recebemos de Manuel da Silva de Gouveia 1 escudo em prata para ser vendido, revertendo o seu produto em auxilio de *A BATALHA*.

**Quem oferece?**

Quem não conhece o missionário que estacionava ora numa, ora noutra das vossas aldeias, batendo aos ouvidos para abrir a porta do coração (S. Afonso)?

Do alto do púlpito a sua voz fulminante espalhava o terror nas almas simples dos nossos camponeses. O pão da sua palavra era amassado com o suor da fronte, gotejando na elaboração trabalhosa de um relatório em que houvesse pinturas as mais negras do purgatório e do inferno.

O exordio fazia calafrios, a predica era terrível.

A buscar aos evangelhos elementos para cenas tenebrosas onde se agitavam as bestas de sete cabeças e dez cornos, e sobre os seus cornos dez diademas, semelhantes a leopardo, com pés de urso e boca de leão (Apo., XIII, 1 e 2) e não esquecia os «sete calices da ira de Deus» (Apo., XVI, 1) e as consequências do seu derramamento sobre a terra, sobre o mar e os rios, sobre o sol. As penas do inferno eram pintadas com a riqueza de pormenores, que só uma exaltada imaginação pode inventar e sobre os temas do «fogo que nunca já mais se apagará» (Marc., IX, 41, 42, 43), da fôrnia de fogo onde será o chão e o ranger de dentes» (Mat., XIII, 50 e 51), do «tanque ardente de fogo e de enxofre, que é a segunda morte» (Apo., XXI, 8), eram apresentadas as mais diversas e terrificantes variações.

As mulheres, as crianças, os homens mais timoratos succumbiam sob o terror de tão

## Cristo-amor Cristo-rancor por Geraldino Brites

Todos os que, como nós, passaram já para além da encosta aquecida pelo sol da mocidade, conheceram o bom prior, adorável figura de tantas das nossas aldeias. Era a personificação da moral de Cristo e aos preceitos mais amorosos dos evangelhos ia buscar as normas para conduzir as almas do rebanho, que guiava, na vereda asperma da vida, sem curar de saber se a moral, que pregava tanto pelo exemplo, como pela palavra, era ou não original, se representava progresso, se retrocesso.

No amor, como base das relações sociais, repetia as palavras de Cristo: «O meu preceito é este, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei» (João, XV, 12) «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mateus, XXII, 39) «Ninguém tem maior amor do que este, de dar um a própria vida por seus amigos» (João, XV, 13) «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam» (Mateus, V, 44) «Para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o sol sobre bons e maus e vir chuva sobre justos e injustos» (Mateus, V, 45).

Prodigalissava conceitos apregoando o perdão, como Jesus, que perguntado por Pedro: «Senhor, quantas vezes poderei pecar me irman contra mim que eu lhe perdoe? Será até sete vezes?» — respondeu: «Não te digo até sete vezes mas até setenta e sete vezes sete vezes» (Mateus, XVIII, 22).

As suas palavras eram garantia de salvação. «Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele João, III, 17; se o que vem a mim não o lançarei fora» (João, VI, 37).

Como prova de bondade de Deus, o bom prior, esquecendo a exceção relativa ao Espírito Santo, clamava que «todo o pecado e blasfêmias serão perdoados aos homens» e que a «tudo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, perdoar-se-há» (Mateus, XII, 31 e 32).

Entrava em todos os lares, mensageiro de paz nas pequenas discórdias de família e da aldeia acolhido com respeito e gratidão, recordando sempre «se tu estás fazendo a tua oferta diante do altar e te lembrar ali que teu irmão tem contra ti alguma coisa, deixa ali a tua oferta diante do altar e vai-te reconciliar primeiro com teu irmão e depois virás fazer a tua oferta» (Mateus, V, 23 e 24).

Amigo de todos os velhos, confiante de todos os novos, pai de todos, de todos guia seguro, era o bom pastor e «o bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas» (João, VIII, 11). Aos que choravam prometi-lhes a bemaventurança (Mateus, V, 5) e com eles chorava, aos justos perseguidos falava na compensação do reino dos céus (Mateus, V, 10).

Não se isolava num ascetismo doentio, antes a sua vida era a todos os instantes a dos seus fregueses, impregnada naquela alegria, que vinha da alma iluminada pelo amor mais puro, e de intenções sempre immaculadas. O seu falar era: «Sim, sim, não; porque tudo o que daqui passa procede do mal» (Mateus, V, 37).

Nada possuía, porque se considerava apenas o intermediário entre os ricos e remediados e os pobres. Ao rico aconselhava «entesourai para vós tesouros no céu» (Mateus, VI, 19 e 20) e para isso «dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe empreste» (Mateus, V, 42) «Quando deres algum banquete convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos e serás bemaventurado, porque esses não têm com quem te retribuam, mas ser-te-há isso retribuído na ressurreição dos justos» (Lucas, XIV, 13).

As suas predicas desataviadas e simples, como a sua existência, tocavam o coração de todos: «O amor seja sem fingimento. Aborrece o mal, aderi ao bem, adianta-te a quem te dá a mão, não te desdizes quando te honrar uns aos outros, no cuidado que deveis ter não seais preguiçosos, sede fervorosos de espírito, na esperança alegres, na tribulação sofridos, exercitai a hospitalidade, servi ao Senhor» (Rom. XII) «Se vos irardes, seja sem pecar; não lse ponha o sol sobre a vossa ira. Nenhuma palavra má saia da vossa boca, senão só a que seja boa para edificação de fé de maneira que se dê graça aos que a ouvem» (Eph. IV). Não pregava o abandono do lar pelo tempo antes «quando orares entra no teu aposento e fecha a porta ora a teu Pai em secreto; e teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga» (Mat., VI, 6).

O Cristo que sempre trazia no coração e nos lábios era o símbolo da bondade e do perdão, era o *Cristo-amor*.

\*\*\*

Quem não conhece o missionário que estacionava ora numa, ora noutra das vossas aldeias, batendo aos ouvidos para abrir a porta do coração (S. Afonso)?

Do alto do púlpito a sua voz fulminante espalhava o terror nas almas simples dos nossos camponeses. O pão da sua palavra era amassado com o suor da fronte, gotejando na elaboração trabalhosa de um relatório em que houvesse pinturas as mais negras do purgatório e do inferno.

O exordio fazia calafrios, a predica era terrível.

A buscar aos evangelhos elementos para cenas tenebrosas onde se agitavam as bestas de sete cabeças e dez cornos, e sobre os seus cornos dez diademas, semelhantes a leopardo, com pés de urso e boca de leão (Apo., XIII, 1 e 2) e não esquecia os «sete calices da ira de Deus» (Apo., XVI, 1) e as consequências do seu derramamento sobre a terra, sobre o mar e os rios, sobre o sol. As penas do inferno eram pintadas com a riqueza de pormenores, que só uma exaltada imaginação pode inventar e sobre os temas do «fogo que nunca já mais se apagará» (Marc., IX, 41, 42, 43), da fôrnia de fogo onde será o chão e o ranger de dentes» (Mat., XIII, 50 e 51), do «tanque ardente de fogo e de enxofre, que é a segunda morte» (Apo., XXI, 8), eram apresentadas as mais diversas e terrificantes variações.

As mulheres, as crianças, os homens mais timoratos succumbiam sob o terror de tão

horrendas privaões, anunciadas com a autoridade que o púlpito emprestava ao pregador. As cabeças curvavam-se para o chão, as lágrimas corriam, a angústia tomava todos os caracteres, os gritos abafados, os ais, tornavam mais lugubre o quadro. E a quem seriam reservadas essas penas?

Aos anti-cristos, aos pedreiros-livres, aos impostores, aos heréticos, nomes dos inimigos de Cristo e da sua religião, pois já Cristo dizia: «Se ele não ouvir o tem-nos por gente ou publicano» (Mat., XVIII, 15 a 18), «o que não é comigo é contra mim» (Mat., XIII, 30). «Se algum não ama a Nosso Senhor, Jesus Cristo, seja anátema» (I Cor., XVI, 22, I Tim., I, 20). «Porque a era de Deus se manifesta do seu contra toda a impiedade e injustiça daqueles homens que retem na injustiça a verdade de Deus (Rom., I, 18). «Serpentes, raça de víboras, como escarpais vós de serdes condenados ao inferno?» (Mat., XXIII, 33).

Mas as penas infernais não são só para estes, dizia o missionário, são também para os que esquecem os preceitos evangélicos: «O que ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; o que ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim» (Mat., X, 37, 38). «Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua mesma vida, não pode ser meu discípulo» (Luc. XIV, 26). E isto porque o máximo e o primeiro mandamento é: «Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento» (Mat., XXII, 37, 38).

No espírito dos fiéis esboçava-se com o terror, a imagem de Cristo como uma figura de vingança, ao ouvirem as palavras que agora com solenidade caíam da boca do pregador na enumeração dos condenados: «Porque se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele» (Luc. IX, 26). «E todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus e o que me negar diante dos homens também eu o negarei» (Mat., X, 32, 33); quando vier o Filho do homem na sua magestade e todos os anjos com ele, saíão os anjos e separarão os maus de entre os justos; então dirá aos que não estão ali: «Vai-vos daqui para fora, malditos, para o fogo eterno que está aparelhado para o diabo e para os seus anjos» (Mat. XIII, 50 e 51; XXV, 31 e 41).

A figura que surgia da predica não era já só de vingança, mas também de ódio, quando nos trazia passagens dos livros santos, palavras atribuídas a Cristo, como estas: «Mas se vós entrardes em alguma cidade e as vossas cidades, acudindo contra vós: não obstante isto sabeis que está a chegar a vós outros o reino de Deus. Digo-vos que naquele dia haverá menos rigor para Sodoma que para a tal cidade» (Luc. X, 11 e 12). «Eu, tu Caparnaum que te elevaste até ao Céu, serás submergida até ao inferno» (Luc. X, 15). «Toda a planta que meu pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz» (Mat. XV, 13). Toda a arvore que não dá bom fruto será cortada e metida no fogo» (Mat. VII, 19).

Não se estranha esta atitude do missionário, porquanto o apóstolo João diz que Jesus, o *Fiel e o Verdadeiro*, que julga e pelega justamente, «ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo Poderoso» (Apo. XIX, 15); é o mesmo que não perdoa, nem aos tímidos, nem aos mentirosos, para os quais destina o tanque ardente de fogo e de enxofre» (Apo. XXI, 8).

A peroração era consoladora, dizia respeito à penitência que era necessário fazer, para salvação da alma contra tudo e contra todos, embora sob o risco da discórdia e da guerra no seio da família. «Vós não cuideis que eu vim trazer paz a terra. Não vim trazer-lhe paz, mas espada» (Mat. X, 34). «Eu vim trazer fogo à terra e que quero eu senão que ele se acenda» (Luc. XII, 49). «Porque de hoje em diante haverá numa mesma casa cinco pessoas divididas: três contra duas e duas contra três. Estarão divididos: o pai contra o filho e o filho contra o seu pai; a mãe contra a filha e a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra» (Luc. XII, 52 e 53) e os inimigos do homem serão os seus mesmos domésticos» (Mat. X, 36).

O Cristo que os missionários deste género iam tirar aos livros santos era bem o símbolo da vingança e do ódio, era o *Cristo-rancor*.

Não eram palavras de amor e de perdão, mas de rancor, as que levavam nos lábios dos católicos que nas cruzadas se lançaram contra os infiéis que guardavam o Santo-Sepulcro; aqueles que destruíram os albigenses; os que sufocaram em sangue as revoltas dos anabatistas, dos aldeões e dos cavaleiros reformistas da Alemanha; os que chacinaram os valdenses de Mérindol e de Cabrières d'Aigues; os auctores da *bela e piedosa faganha* de São Bartolomeu em 1572; os assassinos dos cristãos novos de Lisboa; os culpados dos morticínios da Holanda; os perseguidores sanguinários dos não cristãos de Roma, no tempo do papa Gregório XVI; os inquisidores espanhóis que no México, no Perú, na Espanha queimaram muitas dezenas de milhares de heréticos, etc, etc.

Mas, dirão alguns dos nossos leitores será possível que os textos bíblicos permitam duas conclusões absolutamente contraditórias?

Chateaubriand escreveu: «Não há situação alguma na vida para a qual não possa encontrar na Bíblia, um verseto que parece ali escrito expressamente para ela». Qualquer pessoa medianamente ilustrada poderia acrescentar que não há afirmações, relativas a Cristo e a religião cristã, por mais extraordinárias que à primeira vista pareçam, que se não possam basear em versetos bíblicos.

Dois exemplos apenas: E' aos evangelhos que os crentes vão buscar a narrativa da vida terrena de Jesus; pois são os mesmos evangelhos que têm sido apresentados como



uma das provas mais valiosas da não existência humana de Jesus.

Os textos sagrados demonstram para os crentes que Cristo era o filho de Deus, «era Deus transmutado pela terra numa missão redentora»; são esses mesmos textos que levaram um psiquiatra ilustre a concluir que Cristo era um louco, um teomano.

Não é o ódio que leva o médico, o antropologista, o crítico da história, que estudam Jesus Cristo, a concluir em sentido diverso daquele que é imposto pela Igreja. O mal causado pelas religiões dá-nos o direito de estudar os seus fundadores, sem que nos detenhamos num sentimento de veneração ou de amor que a sua obra não justifica, do mesmo modo que o bem que eles fizeram nos impedia, independentemente de qualquer outra consideração, de tratar estes homens com desprezo ou com ódio (Bibel-Sangle).

A expressão Cristo-rancor, corresponde a um aspecto do Cristo bíblico, que pode ser defendido e que pode ser impugnado. Quem a usa não revela ódio contra Cristo. O ódio, que sempre avilta quem o sente, floresce mais entre os crentes que no seio dos incrédulos; estes são em geral calmos adversários de ideias e não de pessoas.

Geraldo BRITES

**TEATRO NACIONAL**

**HOJE**

**COMPANHIA**

Lida Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de Lucien Napaty, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

**Os Filhos**

Encantador entrecho — Espirituosos diálogos — Situações esplêndidas

Protagonista:

Lida Stichini

BREVEMENTE:

SE EU QUISESSE...

Com a aparição de A BATALHA surgiu em Portugal um paladino defensor das liberdades públicas. O desaparecimento de A BATALHA faria perigar as liberdades que ela tem defendido. Auxiliá-la, pois, é o dever de todos os amantes da liberdade

**LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO**

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo . . . 6500

Cuentos de Lúlia . . . 6500

La vida de um Homem inenarrável . . . 6500

Wladimir Korolenko

El Imperio de la Muerte . . . 6500

Dr. G. Feydoux

La vida trágica de los Trabajadores . . . 10500

Jean Masestan

La Educación Sexual . . . 10500

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad . . . 9500

E. Reclus

La Montaña . . . 6500

El Arroyo . . . 6000

Octavio Mirbeau

El Calvario . . . 6500

P. Krapothine

La ética, la revolución y el Estado . . . 6500

Luis Fabbri

Crítica revolucionaria . . . 6500

H. Malatesta

Ideário . . . 6500

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov . . . 9500

**LA NOVELA SOCIAL**

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Preço . . . 10500

Pedidos à administração de A BATALHA



**Do estatuto confederal**

**CAPÍTULO I**

**DOS OBJECTIVOS**

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa common intervenção, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

**LER E ASSINAR**

**“Os Mistérios do Povo”**

## A imprensa contra a censura

Reuniram ontem os representantes das empresas jornalísticas

Na sede do *Jornal do Comércio e das Colónias* reuniram ontem à tarde os representantes das empresas jornalísticas de Lisboa para discutirem sobre a maneira como é feita a censura aos jornais e que tanto os prejudica.

Presidiu à reunião o sr. Balbino Esteves, secretário do Conselho de Administração do *Jornal do Comércio e das Colónias*, e depois de largamente discutido o assunto, foi nomeada uma comissão para ir junto do presidente do Ministério, não só para protestar contra os prejuízos causados pela censura, como também para apontar-lhe a inutilidade desta depois que a nova lei de imprensa, com as suas malhas apertadíssimas, entrou em vigor.

Essa comissão ficou composta pelos srs. dr. Beirão da Veiga, pelo *Diário de Notícias*; Carlos de Oliveira, pelo *Século*; dr. Joaquim Manso, pelo *Diário de Lisboa*; Urbano Rodrigues, pelo *Mundo*; e Tomás Gambôa, pelas *Novidades*.

Finda a reunião, a que assistiram dois agentes representantes da autoridade, os comissionados procuraram o general Carmona, chefe do governo, a quem o sr. dr. Joaquim Manso, solicitado pelos representantes dos outros jornais, expôs os prejuízos morais e materiais que resultam da forma como está sendo exercida a censura à imprensa.

Ao mesmo tempo, pediu ao general Carmona que elucidassem os comissionados sobre os motivos da expulsão do sr. Homem Cristo (filho).

O chefe do governo começou por declarar que mantinha a censura, mas que ia estudar a forma de atenuar o mais possível os prejuízos materiais causados por essa instituição.

Com esse fim, mandou chamar para uma conferência no seu gabinete o coronel Prata Dias, marcando uma nova reunião com os delegados das empresas.

A cerca do exílio do sr. Homem Cristo (filho) declarou terminantemente que aquele jornalista não tinha sido expulso em virtude dos artigos que escreveu contra o Banco de Portugal.

Os directores dos jornais reunem novamente hoje, às 14 horas, na sede do *Jornal do Comércio e das Colónias*.

**Teatro Salão Foz**

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

Espectáculos a preços ultra-populares

A sensacional atracção «SACHA» TROUPE, sob a direcção de

D. MARIA EMÍLIA CASTELO BRANCO

Canto, bailes de fantasia e acrobacias, «sketches», números musicais, etc.

A mais completa colecção de

**CAES COMEDIANTES**

apresentados por MR. RENÉ 1.º, que representa pequenas comédias, «sketches», etc.

No écran — «O Pintor do Dragão» — 5 partes

PREÇOS: Superior, 2500; Platin ou Balcão, 5000; Camarotes, 1500; Frisas, 2000

## A nobre atitude de uma educadora

A secção de Belém, do sindicato da Construção Civil, apreciou com entusiasmo a atitude de D. Vitória Pais, no recente Congresso Pedagógico, contra o ensino religioso nas escolas, sendo aprovada uma salvação pela sua enérgica atitude em face dos maneios dos reacçãoários inimigos do progresso.

**Edições SPARTACUS**

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

## Um apelo dum prêso

Com satisfação registamos a prontidão com que alguns dos nossos leitores aquiesceram ao apelo por nós feito em nome do prêso social Júlio da Anunciação. O desejo deste camarada vai, pois, ser satisfeito, pelo envio dos números de A Batalha recebidos.

**Edições de “A Sementeira”**

Práticas neo-maltusianas. . . 550

O sentido em que somos anarquistas . . . 350

A peste religiosa. . . 450

A Liberdade. . . 550

A Internacional (música e letra). . . 350

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

**TIVOLI**

TELEFONE N. 5474

Matinée às 3 h. — Soirée às 9 h.

**DIVORCIEMO-NOS**

Comédia em sete partes com Monte Blue e Marie Prevost

**TRONO VAGO**

Novela dramática em sete partes com Lewis Stone e Alice Terry

**Uma ciné-farça**

**REVISTA MUNDIAL**

Na «matinée» tem entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

## NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

### Algumas opiniões interessantes do poeta indiano Rabindranath Tagore

O poeta indiano, mundialmente considerado, Rabindranath Tagore, exprimiu ultimamente opiniões muito interessantes acerca do fascismo. As opiniões foram desafiadas pelas mentirosas afirmações da imprensa fascista, as quais davam Tagore, tão proselitista da liberdade, fervoroso admirador do actual regime em Itália. O generoso poeta ficou indignado com a especulação feita a propósito da sua estada na pátria de Mussolini, e não calou o seu protesto.

Numa carta dirigida de Viena, em 21 de julho último, ao seu amigo Andrews, que teve o encargo de torná-la pública na imprensa de língua inglesa na Índia, Tagore declarou:

«Os jornais italianos dão a impressão de que prestei o meu apoio moral ao fascismo. Em todos os meus escritos exprimi com muita clareza, a condenação que fazia do suicídio moral que se comete na maior parte dos países do mundo, pelo culto infamante da religião da nação. Quere parecer-me que se começou a senda do crime sem escrúpulos, não importa qual o carácter político, a pretexto do engrandecimento de um povo. E isso revolta-me até ao excesso. Para mim, abraçar a causa do fascismo seria o mesmo que o suicídio moral; ora, torna-se absolutamente impossível que eu não oponha um desmentido categórico a um boato de má fé.

«Os métodos e os princípios do fascismo dizem respeito a toda a humanidade. É absurdo supor-se que eu apoie um movimento que asfixia impiedosamente a liberdade de expressão, constringendo à prática de deveres que repugnam à consciência do indivíduo e caminha sobre o sangue e a violência, crime e mentira. Seria insensato, talvez, criminoso, que eu manifestasse admiração por um ideal político que funda a sua fé na força bruta como factor de civilização. O culto da força sem escrúpulos, como veículo de nacionalismo, atira o ódio entre nações que logo ameaça incendiar a paz universal. O perigo de contágio desta aberração moral é terrível, porque hoje as raças humanas estão-se aproximando e tudo precedido da destruição do que um povo realizou no seu território. Graça-se que, sabendo isso, eu não iria entorpecer a minha alma com o fogo infame que atea de sacrifícios humanos.

### Um tratado hispano italiano

MADRID, 18. — O ministro dos negócios estrangeiros comunicou à imprensa o texto do tratado hispano-italiano, assinado em Madrid em 7 do corrente. — (L.)

### Um acordo greco-iugoslavo

ATENAS, 18. — O acordo greco-iugoslavo trata simplesmente de regularizar os assuntos que dizem respeito à exploração dos caminhos de ferro dos dois países e o trânsito no porto de Salónica.

### Os empreendimentos modernos

LONDRES, 18. — Uma nova linha aérea para passageiros será inaugurada no primeiro de Janeiro, de Londres ao Cairo, com escala por Marselha, constituindo uma das secções da grande linha de dez mil milhas, projectada entre Londres e Austrália. — (L.)

### Um caminho de ferro na Síria

BEYROUTH, 18. — Foi hoje inaugurado o caminho de ferro para Soueida. A cerimónia assistiram o alto comissário interino e o general Gamelin, realizando-se grandiosos festejos, nos quais igualmente participaram os chefes religiosos e os notáveis drusos. — (L.)

### As grandes calamidades

UMA VIOLENTA TEMPESTADE

LONDRES, 18. — Notícias vindas do sul de Inglaterra dizem que uma violenta tempestade se desencadeará ontem de manhã, sendo os prejuízos elevadíssimos. As secas ficaram devastadas. — (L.)

### Um navio incendiado

XANGHAI, 18. — Quando se dirigia de Hankau para Xangai incendiou-se um navio, afundando-se no alto mar. Todos os tripulantes e os seus 50 passageiros pereceram na catástrofe. — (L.)

### Um tremor de terra

ROMA, 18. — Fez-se sentir um tremor de terra na Sicília e nas ilhas vizinhas. A população fugiu para os campos, sendo os prejuízos pouco elevados. — (L.)

## OS MISTÉRIOS DO POVO

(Em publicação)

Grande Romance histórico desde as primeiras idades à Revolução Francesa

- EUGENE SUE**
- Constituindo uma ótima colecção dos grandes acontecimentos da humanidade, dividida em períodos históricos distintos, em volumes profusamente ilustrados e artisticamente encadernados.
- I — O Carro da Morte
- II — O Carpinteiro da Nazaré
- III — A Mãe dos Acampamentos
- IV — Ronan, o Vagabundo
- V — As Filhas de Carlos Magno
- VI — As Cruzadas
- VII — A Jacquerie
- VIII — Joana de Arc
- IX — Os Jesuítas
- X — Os Vingadores de Isabel
- XI — A Revolta dos Camponeses
- XII — A Revolução Francesa

já se encontram publicados até ao IX volume e encadernados até ao IV

PREÇO DE ASSINATURA:

Em séries de 10 tomos a 32 páginas

Cada série . . . . . 5500

à cobrança, pelo correio . . . . . 6500

Volumes encadernados, cada . . . . . 10500

à cobrança, pelo correio . . . . . 11500

Capas soltas e respectiva encadernação, cada volume 4500

Pedidos à Administração de A Batalha

## OS QUE MORREM

Manuel Barata Dinis

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, o funeral de Manuel Barata Dinis, sócio do Sindicato dos Descarregadores do Porto de Lisboa, que faleceu em consequência dum desastre de trabalho a bordo dum barco carvoeiro.

Os descarregadores do Porto de Lisboa incorporam-se em massa no funeral, que sairá da Morgue para o Cemitério Oriental, estando as outras classes marítimas convidadas a fazerem-se representar.

Francisco Vieira Dionísio

N'um dos quartos particulares do Hospital de S. José, faleceu ontem pelas 6 h 12 horas da madrugada, Francisco Vieira Dionísio, aquele oficial da Marinha Mercante, que no dia 15 último, na travessa dos Mestros, foi atingido na cabeça por uma manilha de louça.

O seu cadáver deu entrada na Casa Mortuária do mesmo hospital, devendo ser hoje removido para o Instituto de Medicina Legal, afim de lhe ser feita autopsia judicial.

José Bento

No Hospital do Rego, onde se encontrava há meses em tratamento, sucumbiu ontem aos estragos da tuberculose o operário corticeiro José Bento, pai do nosso camarada Antonio Bento, militante da classe corticeira.

O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas do referido hospital para o cemitério do Lumiar.

## Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registrado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

**TEATRO AVENIDA HOJE**

Telef. 11.4356

**HOJE**

**E TODAS AS NOITES**

**O FAMOSO**

**Dr. da Mula Ruça**

Primoroso desempenho

**Orquestra Jazz-Band**

**“Educação Social”**

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ALFOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Retózeiros, 125 — LISBOA

A venda na administração de A Batalha.

## VERDADES AMARGAS

As condições de vida dos que, dia a dia, vêm dando o seu esforço em prol desta infame sociedade, em completo estado de putrefacção moral, são cada vez mais terríveis e mais angustiosas.

Se olharmos em torno de nós, não observamos senão miséria — miséria física e miséria moral, a um egoísmo feroz e iníquo, que se escuda simplesmente na prepotência das classes abastadas em constante prejuízo das classes trabalhadoras que, tudo produzindo, são as incessantemente martirizadas, que se vão arrastando vergadas ao peso brutal das classes detentoras do poder económico.

Para demonstrar que verdadeira são estas afirmações basta citar o facto de, em pleno século XX e nos arrabaldes desta linda cidade, ainda haver seres humanos, que vivem em frágeis barracas de madeira, como se ainda agora estivéssemos no século XV.

E' doloroso ter que constatar estes factos, que só representam o egoísmo feroz, das classes abastadas.

A ilha das «Minhocas» situada ao norte da cidade, junto do apeadeiro das Laranjeiras, é disso prova cabal e iniludível.

Mas o que mais fere a minha sensibilidade e revolta o espírito mais pacífico, é verificar, que todos os habitantes dessas frágeis barracas de madeira são honrados operários, que para ali foram atraídos para se furtarem às iras gananciosas de certos senhorios.

Tal não sucedeu.

Os governos saídos desse movimento nada têm feito em benefício das classes produtoras, porque a inteligência dos seus membros, tem sido gasta no estudo para a confecção do decreto que concede à igreja a personalidade jurídica. . . .

António de OLIVEIRA

## Lêde O Suplemento de A BATALHA

### Os acidentes da circulação

Três atropelamentos por automóveis

Na enfermaria de São Sebastião, do Hospital de São José, deu ontem entrada, João José Garcia, de 33 anos, natural de Torres Vedras, tipógrafo, que, no Rocio, foi atropelado pelo automóvel 3 59 A, ficando com várias contusões pelo corpo.

No Banco do Hospital de São José foram pensados e recolhidos a casa: Francisco Nunes de Almeida, de 9 anos, residente na rua do Meio, 14, à Cascalheira, que no Rocio foi atropelado pelo automóvel 9 9877, guiado pelo «chauffeur» Carlos Pereira dos Santos, morador na rua do Arco a Jesus, 89, ficando com várias contusões e escoriações pelo corpo.

Maria José Marques, de 18 anos, natural de Aveiro, peixeira, moradora na rua Tomás Ribeiro, 169, que foi atropelada por um automóvel na Praça da Alegria, ficando ferida na perna esquerda.

### Por se apagar de um carro em andamento

No Banco do Hospital de São José, foi pensada e seguiu depois para casa, João de Carvalho, de 38 anos, jornalista, residente e natural de Lisboa (Louses), que no largo Silva e Albuquerque foi atingido por um coice de uma muar, ficando contuso na perna esquerda.

### Por andar distraído na rua

No Banco do Hospital de São José foi pensado e seguiu depois para casa, João de Carvalho, de 38 anos, jornalista, residente e natural de Lisboa (Louses), que no largo Silva e Albuquerque foi atingido por um coice de uma muar, ficando contuso na perna esquerda.

## “A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

## DESPORTOS

### CICLISMO

Taça Curia

E' já no próximo domingo, 22, que numa prova de 188 quilómetros, vai ser disputada esta artística feia, exposta desde ontem na Camisaria Sport da Rua do Ouro.

A partida será dada na Curia às 10 horas e o itinerário é o seguinte: Agueda, Albergaria-a-Velha, Vouzela, S. Pedro do Sul, Viseu, Tondela, Santa Comba Dão, Mortágua, Mealhada e Curia.

Além da Taça para a agremiação a que pertença o primeiro classificado haverá cinco objectos d'arte, duas valiosas medalhas de ouro, uma de ouro e prata e duas de prata.

A União Velocipédica Portuguesa que patrocina a prova, concede ao primeiro classificado um dos seus artísticos diplomas de honra.

A inscrição abriu com os nomes de Santos Borges, Francisco dos Santos Almeida e Eduardo dos Santos, a valerosa equipe do Sport de Lisboa e Benfica, que este ano tem contado as suas vitórias pelo número de provas a que tem concorrido.

Mas a par destes nomes outros de grande valor já se vêem inscritos, como o velho Piedade e outros se esperam ainda como Gil, Quirino, Alfredo, João de Sousa, etc, devendo também o norte fazer-se representar brilhantemente.

A inscrição continua aberta na U. V. P. Travessa de S. Domingos, 39-1.º, até ao dia 20 e no escritório da Sociedade das Águas da Curia (Curia) até ao dia 21.

Lisboa-Caldas-Lisboa

Como preparação para o VII Porto-Lisboa, vai a União Velocipédica Portuguesa, realizar no próximo dia 29 uma prova de 200 quilómetros, ou seja Lisboa-Caldas-Lisboa e para a qual deverá abrir por estes dias a inscrição na sede da nossa Federação ciclista.

### Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5-316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 531.

Aos sindicalistas que desejem adquirir quantidade far-se-á um abalimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

## SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo «Os Combatentes». — Reúne-se hoje, às 21 horas, a assembleia geral deste grupo, para reconsiderar sobre o aumento de cotas, votado numa assembleia anterior.

Grupo «Solidariedade Proletária». — Reúne-se a assembleia geral deste grupo, resolvendo conceder a mensalidade de 50\$00 ao ensaiador.

## “A Batalha” na provincia e arredores

### Lagos

#### A incompetência da extinta vereação

LAGOS, 17. — Os políticos cá do burgo continuam degladiando-se uns aos outros, sendo grandes as desavenças entre os ex-vereadores da extinta Câmara Municipal. O «ditador do lixo» o celeberrimo merceiro a que já nos temos referido, publicou um manifesto atacando o presidente da extinta vereação e este respondeu-lhe da mesma maneira.

No relatório da gerência da Câmara desde 1923 toda a gente ficou admirada pela maneira como os democráticos espartanaram muitas dezenas de contos, sem proveito para a cidade. Esse relatório acusava um saldo de 4.161\$99 e um passivo de 16.066\$85 proveniente dos pagamentos a fazer, — tendo além disso a Câmara que pagar em Janeiro do ano próximo a quantia de 27.448\$60 dum empréstimo que fez para montar a luz eléctrica e fazer a canalização das águas. Isto tendo a Câmara obtido receitas numa importância superior 1.600 contos.

Acusa-se agora como um dos responsáveis deste estado de coisas um fiscal da Câmara que custou aos munícipes cerca de 8 contos por ano — sem que os seus serviços façam a menor falta.

### Alcobaça

#### Uma parada fascisto-católica

ALCOBAÇA, 17. — Depois de terem visitado o túmulo dos Soldados Desconhecidos, entraram ontem nesta vila as hostes da Cruzada Nuno Alvares, sob a designação de Escoteiros de Portugal.

A entrada do mosteiro desta terra foi o rebano devidamente saudado com vivas à liberdade, ao livre pensamento e morras à reacção.

Depois de terem ajoelhado e feito umas rezas em frente da capela do Senhor dos Passos dirigiram à Câmara Municipal. Terminados os discursos os discípulos de Lótila fizeram a saudação fascista — o braço direito estendido — e cantaram a Portuguesa.

Depois, encaminhados pelos padrecas entraram no mosteiro sendo-lhes oferecido na sala dos reis, bolos, frutas e vinhos em abundância. Os rapazes eletrizados pelo álcool desencabrestaram, cometendo várias tropelias que a custo foram reprimidas pelos chefes. . . .

O padre Henrique Vieira fez um dos habituais discursos ridículos, em que as asneiras davam pulos de corça e saltavam uma após outras endiadramente. E' berrava como um possesso, chegando, nós a recar que a potência da sua voz abrisse fendas nas paredes. No final disse que tinha todo o empenho em *pejuar um coração que se gagueja ao xen*.

As hostes fascistas seguiram para São Jorge (do concelho do Porto de Moç) onde tem seu acampamento propagar pelos camponeses as doutrinas de Mussolini.

### Mina de S. Domingos

#### Os mineiros continuam sendo alvo de grandes iniquidades

MINA DE S. DOMINGOS, 17. — Os generos de 1.ª necessidade continuam a subir de preço, o que veio agravar ainda mais as condições económicas da pobríssima população mineira. O actual gerente da mina sr. Roskron ainda não está contente com os aumentos que tem praticado contra os salários irrisórios dos seus explorados, tendo em preparação novas violências.

A maior parte dos acidentes de trabalho que se dão no subsolo da mina são motivados pela circunstância de os dirigentes pretenderem à viva força que os mineiros executem muitos trabalhos ao mesmo tempo. A vida dos mineiros não vale nada; o que tem importância é extrair-se muito mineral.

Água que se bebe na contramão é transportada em cubas de madeira sobre vagões. Pelas fendas entra toda a espécie de porcaria, mas isso não tem importância visto que essa água é destinada exclusivamente aos mineiros.

#### Fantochada religiosa

Na vizinha Aldeia de Corte do Pinto realizou-se mais uma fantochada religiosa a que se associaram jubilosamente todos os republicanos do concelho.

São desta força os *soi-disant* livres pensadores. . . .

— Vai tomar posse da Câmara Municipal a vereação a vereação. A avaliar pela ideologia do seu presidente vamos ter todos os dias sermões e missas cantadas. . . .

#### A VENDA A 10.ª SÉRIE

## DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 5500.

A obra mais barata que no género se publicou

## LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$30. Pelo correio \$70.

## TEATROS

A pedido instante do público, pessoalmente, e até por escrito, Lida Stichini e Alexandre de Azevedo, gratos por tantas atenções do seu público, que conseguiram a lindíssima peça «Os Filhos», resolveram realizar mais alguns espectáculos com esta peça.

Na próxima semana, a segunda peça da época, neste teatro, a linda comédia «Se eu quisesse. . . .»

E' o Teatro Salão Foz o único que está batendo o «record» das encenches, o que é justificado pelo seu programa cinematográfico e de variedades e pelos preços que são resumidíssimos.

Actualmente fazem parte do programa a atracção «Sacha Troupe» dirigida pela artista Maria Emilia Castelo Branco nos mais modernos números de canto, baile, musicas, «sketches», etc. e a interessante colecção de cães comediantes apresentada por Mr. René 1.º, que representam pequenas comédias, exibindo-se em extraordinários números de acrobacia, musica, etc.









## LUTA DE CLASSES

## A greve dos mineiros ingleses

## A questão dos subsídios soviéticos aos operários em luta

MOSCOVO — O sr. Andrei, presidente da delegação soviética à reunião do comité anglo-russo em Paris, falando na sessão plenária do conselho central dos sindicatos russos, declarou que os ingleses tinham recusado discutir a questão dos subsídios aos mineiros.

Exigiram que a delegação soviética retirassem a sua declaração que condenava a tática do conselho geral das Trade-Unions durante a greve geral. A delegação soviética recusou, declarando que os sindicatos russos não tinham necessidade de modificar as suas opiniões e sublinhando que nunca deixariam de auxiliar os mineiros em greve. Esta atitude foi plenamente aprovada pelo conselho central dos sindicatos russos.

## Não recomendarão as negociações

LONDRES, 18 — A associação nacional dos delegados mineiros reprovou por trezentos e sessenta mil votos contra trezentos e sessenta mil uma moção pela qual são dados plenos poderes aos «Comités» para recomendar as negociações com os industriais e o governo. — (Lusitania)

## O desemprego na Inglaterra

LONDRES, 18 — O ministro do trabalho diz que o número dos desempregados até nove de agosto se elevava a um milhão quinhentos e noventa e quatro mil, isto é: vinte e quatro mil menos do que na semana anterior, mas trezentos e vinte e quatro mil mais do que o ano passado. — (Lusitania)

## Contra os próprios interesses da indústria nacional mandam-se construir barcos no estrangeiro

Num artigo anterior expuzemos como a crise de trabalho que afecta a classe metalúrgica, não tem merecido a menor atenção por parte das companhias de Navegação portuguesas — tendo nós frisado em especial a *Ganda*. — Porém a falta de consideração pela crise que flagela o operariado português, não se limita só a estas companhias de transportes marítimos.

O mal de que enfermamos estas Empresas, é geral e contagioso entre todos os detentores de exploração no nosso país.

Temos conhecimento que a Exploração do Porto de Lisboa mandou construir a uma casa estrangeira, uma barça para água por 800.000\$00; tendo-se consumado este facto, o que alegará a administração da Exploração do Porto de Lisboa? A questão de preço? Talvez, sim! Mas, então basta de nós andarmos enganando uns aos outros... Sejamos claros! Ou a situação dos trabalhadores é propositalmente agravada, para interesses particulares do patronato, ou então obedece a um jogo político de que os operários são vítimas, quer numa forma ou noutra e em qualquer dos casos — basta de lérias de ordem e trabalho. Só resta um caminho a seguir: é os trabalhadores abrirem os olhos pondo a distância os causadores do seu mau estar, que os tem condenados à miséria.

Se as entidades que têm o dever de intervir nestas questões não têm força ou coragem para pôr termo a estas transacções, que se facilite o livre trânsito aos operários na procura de trabalho além fronteiras, como livre trânsito se tem dado ao trabalho que devia cá ser feito. Mas ainda há mais... A Exploração do Porto de Lisboa não contente em mandar construir a barça fora do país em prejuízo manifesto dos seus compatriotas, manda também construir dois barcos que orçam por uns 600.000\$00! Tudo isto revela o desprazo em absoluto pelos que tiveram a desdita de serem trabalhadores nesta terra.

Estes factos devem merecer a máxima atenção de todas as entidades que o caso diz respeito.

Os operários que meditem a fundo sobre a atitude dos protegidos da sorte, banindo todo este estado de contradições, que os oprime e avilta, pois que é tempo de pôr cobro a esta farsa daninha, crise fictícia, que não há razão de tal existir num país onde está tudo por fazer.

A pesar de toda esta tragédia, ainda se pretende alongar o horário de trabalho, para mais horas de produção; quando há milhares de trabalhadores lançados no in-labor e outros tantos sofrendo a redução de dias de produção — que flagrante contradição! Diminui-se os salários, quando o custo da vida é excessivo e tende a agravar-se, tal processo é atentatório aos princípios de humanidade, e para tal se conseguir provoca-se a crise, esse fantasma fatalista que semeia a desmoralização e a tuberculose entre os famélicos acaçados por esse espectro sinistro, os reduz à condição miserável de périas sem direitos. Que dizem a isto as gazetas que patrioticamente defendem o fomento nacional e revigoramento da *raça lusitana*, pois que não se cansam de propor alvitares de higiene, cultura e estética — quando estas necessidades não podem abranger os deserdados da Terra, os que têm só os braços para alugar em proveito dos possuidores dos instrumentos de produção e senhores dos destinos dos produtores? Todos esses elixires ou são ditos com ingenuidade ou com hipocrisia!

Onde falta o pão, não pode haver luz, higiene, cultura e estética — e como a fome é má conselheira, em vez de virtudes só o mal pode medrar — essas virtudes só podem ser de uso frívolo comum quando o trabalho lór um dever para todos os indivíduos da espécie humana, porque o trabalho em nosso entender é indispensável à vida — mas trabalho sem amor, produção sem zangão, Mas comamos ou zangão, como estamos longe do fim desejamos que se facilite trabalho a quem deseja ser útil à coletividade para poder manter-se a si e aos seus — e nesta ordem de ideias culde-se dos vivos e enterre-se os mortos como disse Sebastião José de Carvalho, pensemos em primeiro lugar de trabalho para os que estão em liberdade — porque têm liberdade de morrer à míngua e depois tratarmos de trabalho para os reclusos, como alvitava o «Diário de Notícias» em mandar reparar as estradas e outros serviços pelos encarcerados — pois que seguir-se em primeiro plano este alvitre.

## SACCO E VANZETTI

## As duas vítimas do capitalismo dirigem aos trabalhadores um soberbo documento do seu idealismo.

Cadeia de Charleston, Massachusetts, maio de 1926:

Aos camaradas, aos amigos e aos trabalhadores: confesso a minha fraqueza. Cometi o erro de confiar na justiça dos togados e de esperar que a fizesssem os juizes do Tribunal Supremo de Massachusetts.

Tinha embarcado até às fezes o calix de fel e vinagre que o mundo me oferecera. Fui processado e condenado, duas vezes, por delitos que não pratiquei; havia seis anos que estava pregado na cruz infamante, tornando alvo de todos os escarnos, de todos os insultos, sujeito a todas as culpas, a todas as ofensas, a todos os danos. Toda a, por breve período eliminei a esperança e a crença na reivindicação da minha inocência, na magistral exposição pelo senhor Thompson ao Tribunal Supremo. Alimentei toda a esperança, quando do processo recentemente formado contra o português Medeiros, num fútil erro do juiz instrutor, na confiança do sr. Thompson e no optimismo dos meus amigos e camaradas.

Que querem fazer, que devem fazer — perguntam, angustiados, os meus amigos mais íntimos. Nicolau e eu supomos que já se tem feito, por nós, mais do que enunciámos. Que fazer agora?

Não queremos iludir, nem iludirmo-nos. A recusa do novo processo é o golpe de misericórdia sobre as nossas cabeças! Não há dúvida alguma: querem que sejamos, forçosamente, criminosos.

E inútil. Demonstra-se que novas práticas legais não fariam mais que dar algum tempo mais antes de se executar essa sentença que inexoravelmente lpende sobre as nossas cabeças.

Temos de esperar e sofrer, através de tudo, sabemos lá por quanto tempo; até à última denegação do Tribunal Supremo, para que se diga, depois, com sofismas, que tivemos um processo imparcial e justo; que não há razões a justificarem a concessão de um novo processo; que os nossos assassinos merecem o prêmio, e a honra que lhes dispensaram; e que nós devemos ser queimados na cadeira eléctrica. Outras intenções não mostra a recusa do Tribunal Supremo.

— qualquer dia os parasitas resolvirem o problema mandando prender a maioria dos operários para não lhes pagar salário e fazê-los escravos forçados violentamente. No entanto depois deste nosso clamor de razão e de justiça — os barcos foram-se e as camaradas metalúrgicas continuam em grande número sem ter que fazer vagueando por aí além.

A Comissão Administrativa da Federação Metalúrgica.

## As reclamações dos operários metalúrgicos

Reuniu-se a comissão administrativa da Federação Metalúrgica, que a vários expedientes deu o devido despacho. Ocupou-se da crise que afecta a classe metalúrgica, preocupando-a o facto de já terem decorrido algumas semanas e o ministro do Comércio não ter recebido a comissão que está incumbida, por esta Federação, de tratar do assunto e que era portadora de uma série de reclamações, tendentes a atenuar a crise. Em face das circunstâncias resolveu a comissão administrativa tornar público uma série de prepotências que contribuem para o agravamento da crise que afecta todos os trabalhadores e especialmente os operários metalúrgicos.

## Operários da Construção Civil

A comissão delegada do S. U. da Construção Civil convidou todos os operários pedreiros inscritos e não inscritos a comparecer hoje, pelas 10 horas, na sede da Federação para efeitos de colocação.

## SOLIDARIEDADE

## Nota oficial do Comité Pró Presos Sociais

Recebemos a seguinte nota com pedido de publicação:

«Tendo o Secretariado Geral do Socorro Vermelho convidado este comité a assistir a uma reunião para tratar de assuntos referentes a presos, ao convite accedeu o mesmo comité nomeando delegados para em seu nome assistir à citada reunião, tendo aquele organismo apresentado o seguinte documento:

«Se o Comité Pró Presos está convencido da superioridade orgânica do Socorro Vermelho, que o seu sistema de organização é deficiente e que há necessidade da existência de um potente organismo de solidariedade operária extra-sindical que cumpra todos os deveres de solidariedade para com as vítimas da luta de classes, o Secretariado Geral da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, satisfazendo o próprio desejo dos presos e tendo em conta a necessidade de organizar forças próprias ao mesmo comité:

1.º A sua dissolução e ingresso no Socorro Vermelho.

2.º O preenchimento dos cargos vagos neste organismo pelos membros do mesmo comité, que estejam dispostos a trabalhar a favor das vítimas da luta de classe.»

O comité reuniu no dia 16 do corrente para apreciar o respectivo documento, resolveu por unanimidade dar a seguinte resposta:

«Este comité, reunido para apreciar a vossa proposta apresentada aos delegados do mesmo, resolveu por unanimidade enviar-vos a seguinte resposta:

«Este comité conhecendo a organização do Socorro Vermelho não reconhece a sua superioridade sobre as bases em que está constituído este Comité e em que será constituído o Comité Nacional.

«Actua que a sua organização é demasia-

Se cessa a polemica legal, se nos rendemos, o juiz Thayer apresenta logo a sua brava sentença de morte, com um belo discurso de ocasião, que sempre há de ser-nos mais delicioso do que a cadeira eléctrica.

Rendemo-nos assim, morrer assim, repugna-nos quanto se possa imaginar. Poderíamos recorrer ao suicídio, libertando, ao mesmo tempo, nós e vós, de tantos sacrificios e tantas privações; não o fazemos, porque o suicídio é como uma covarde fuga diante do inimigo vitorioso. E se temos de morrer, morramos, fitando os olhos do inimigo. Não se diga, com razão, ou sem razão, que nós fugimos.

Vêde, todos, que contraste de pensamento e de sentimento nos colhe e nos arrojia a negra hora da paixão e da derrota. Repugnamos a rendição; perdemos toda a confiança na justiça organizada; e, deixai-nos dizer, estamos orgulhosos, também, confundidos por custarmos tamanhos esforços.

A pesar de quanto se passa, temos a consciência de que há o que quer que seja, na nossa causa, que ultrapassa muito a nossa personalidade; alguma coisa de superior ao nosso ser e à nossa vida, que envolve os nossos e os vossos princípios, todas as vítimas do regime actual, a maioria da humanidade. Por estas razões, ficam todos livres para seguirem os ditames da própria inteligência e consciência, e a nós fica-nos o dever de não vos apartar do vosso caminho.

Nós chamamos — a saúde está convosco. asseguramos que o êxito fatal de esta luta sem paralelos, em nada diminui o nosso reconhecimento por tudo quanto se tem feito, e muito se fez, por nós; a vossa solidariedade reconforta-nos.

Estamos seguros de que o verdugo não perderá tempo. Matando-nos, cessará o perigo de represálias contra os nossos assassinos.

Contudo, se devemos ainda suportar a suprema vergonha do suplício, só com a vida terminará a nossa fé de que um dia virá em que os nossos nomes sejam evocados e o nosso sangue bem vingado será. Recordai: a saúde está convosco! — Bartolomeu Vanzetti e Nicolau Sacco.

damente complicada e burocrática que em organismos de solidariedade deve ser sempre o mais simples possível para evitar dispêndio de dinheiro que provoca tal organização e que aos presos poderia ser dado. «A razão deste Comité está em se reconhecer dos elementos que o constituem que existe a necessidade dum potente organismo de solidariedade extra-sindical que deixando a parte jurídica a cargo da C. C. T. cumpra com os seus deveres de solidariedade às vítimas da luta social sem atender às características políticas de qualquer Estado, ao contrário do que faz o Socorro Vermelho.

O Comité Pró-Presos por Questões Sociais apreciando os pontos apresentados pelo Secretariado Geral entende:

1.º Este Comité reconhece a superioridade da sua organização que melhor tem prestado aos presos a solidariedade e portanto era perigoso o seu desaparecimento.

2.º Prescindimos de aceitar quaisquer cargos pelos motivos de não dissolvermos este organismo e por não concordarmos com o S. V., pelas razões apresentadas.

Está Comité considera o Socorro Vermelho descendente dum partido político, que actualmente ocupa as cadeiras do poder na Rússia que tem exercido violências contra camaradas que têm lutado em prol da emancipação humana, não tendo o Socorro Vermelho organismo de Solidariedade prestado qualquer auxílio a esses camaradas.

Refine hoje pelas 21 horas, para assunto urgente o comité pró-presos por questões sociais.

Realiza-se no dia 4 do próximo mês de Setembro uma festa de auxílio à campanha de Joaquim Alves que se encontra sofrendo duma perigosa doença e vive em precárias circunstâncias económicas. Derram o seu concurso a esta festa o Grupo Dramático «Solidariedade Operária» e o Grupo Musical «Os Encravados».

Os bilhetes que restam podem ser adquiridos na sede da Secção dos Pedreiros ou no continuo da construção civil.

## Uma injustiça que pede reparação

Faz hoje precisamente dois anos que se deu o choque de comboios, em Belem, na linha do Estoril.

Foi nessa altura preso João Gomes Serra, ex-praticante, que nesse dia fazia as vezes do chefe da estação, a quem foram assadas as responsabilidades que não tinha.

Este homem foi preso, encontra-se no Limoeiro. Faz hoje dois anos que a sua situação não se modifica. Não foi julgado e já está sofrendo uma pena de dois anos de prisão.

A vítima escreve-nos hoje pedindo-nos que chame a atenção de quem de direito para este caso que, a manter-se assim, redundará numa tremenda injustiça.

## Um industrial queimado

Deu hontem de manhã entrada nos quartos particulares, do Hospital de S. José, aquele industrial de Amora, Domingos José Guilherme d'Oliveira, que, como noticiámos, quando antontem tentava extinguir um incêndio que se manifestava na oficina de cordoaria que possuía naquela localidade, ficou muito queimado no tronco, braços, rosto e cabeça, tendo recebido os primeiros socorros, no posto da Cruz Vermelha do Seixal. O incêndio que tomou grande incremento destruiu por completo a referida oficina.

## A prisão e a expulsão de Homem Cristo, filho

## Carta de um profissional da imprensa à direcção do seu Sindicato

Do nosso camarada de redacção David de Carvalho recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

«O sensacionalíssimo caso do sr. Homem Cristo (filho, não esquecer), foi um grande triunfo de publicidade, cujo proveito não irá beneficiar de maneira alguma a classe dos profissionais da imprensa. O segredo da expulsão de um cavalheiro que nunca fez vida em Lisboa, nem neste país exerceu o jornalismo tão proficiente e activamente que o público, agora, o conhecesse e apreciase, ficará no amago da política portuguesa, ou nos arquivos de uma qualquer polícia internacional. Não é um caso de imprensa, nem se moveu perseguição a um jornalista no exercício da sua profissão ou na defesa de uma contestada reclamação da classe. Foi um homem guindado excepcionalmente à direcção de um jornal tão bem dissimulado que o recheio desmentia o cabedilhado.

O sensacionalíssimo sr. Homem Cristo não era, pois, um jornalista profissional; não poderia ter a menor consideração pelos que do jornalismo fazem a sua profissão. Era um inimigo da classe dos profissionais da imprensa, como todos os aventureiros que conseguem fazer jornais sem conhecerem as amarguras e privações dos que redigem e informam. Foi um perseguidor dos redactores do seu jornal; recusou pagar-lhes o que devia por trabalho estipulado e executado; reduziu-lhes os ordenados como se os profissionais da imprensa tivessem responsabilidades em dadas falências, e escolheu gente de milícia para lugares que somente devem pertencer aos profissionais.

O pessoal da redacção sofria resignadamente, se bem murmurando protestos e ameaças e assumindo isoladas atitudes. E, sob este ambiente, veio o facto da expulsão, a partida de um minúsculo tirano de trabalhadores, mais desafogado de cuidados que aquelas suas vítimas que, por extranha incoerência, lhe testemunharam solidariedade ao bota-fora.

O sensacionalíssimo caso do sr. Homem Cristo, filho, não se acha esclarecido. Cada qual que propague a versão que mais lhe agrade; o facto não se desprenderá do mistério, porque todas as instâncias oficiais, officinas e particulares se mantêm impassíveis. O que está apurado é que o caso sensacionalíssimo do sr. Homem Cristo, filho, não é uma questão de classe. Não merecia a solidariedade de profissionais de imprensa, nem, sequer, do Sindicato.

Não me associo, portanto, à solidariedade que o Sindicato dos Profissionais da Imprensa, ou a sua direcção, vieram manifestando a um perseguidor de profissionais da classe que aquele Sindicato representa. E parece que os iniciadores das homenagens a um aventureiro não se sentem bem firmes na sua posição, porque, dirigindo levemente o sindicato, não buscam a classe para uma assembleia geral, e chamam os jornalistas a uma sessão magna. Os redactores de *A Informação* e os profissionais com espírito de classe ficam implicitamente coagidos na presença de pessoas que, predominando nos jornais, não pertencem à profissão. Não se deveria discutir a publicidade do sr. Homem Cristo, filho, por haver razões semelhantes àquelas que o Sindicato da minha classe sensatamente invocou quando um governo democrático suspendeu dois ou três jornais por mero interesse político.

David de CARVALHO

## Foi ontem posto na fronteira o sr. Homem Cristo, filho

Por ordem do governo seguiu ontem no *Sud-Express*, para Paris, onde se demora alguns dias, indo depois fixar residência em Biarritz, o sr. Homem Cristo, filho, director do nosso colega *A Informação*. Ao contrário do que se supunha, o sr. Homem Cristo, filho, não embarcou na *gare* do Rossio, mas sim no apeadeiro de Entre-Campos, para onde foi acompanhado pelo tenente José Carlos e pelo agente Domingues. Na *gare* do Rossio compareceram a despedir-se do sr. Homem Cristo, filho, além do pessoal de todas as secções de *A Informação*, muitos dos seus amigos e bastantes jornalistas.

Na hora da partida foram levantados vivas à república.

Quando embarcou no *Sud* em Entre-Campos, o sr. Homem Cristo, filho, soltou um viva à república.

## Extinção de lugares

O governo vai publicar um decreto extinguindo os lugares de consultores jurídicos em cada ministério, os quais deverão passar à situação de adidos, até serem providos nas vagas de chefes de repartição que se forem dando, a que ficam equiparados para todos os efeitos.

## Os despedimentos dos operários do Município

Os corpos gerentes do Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa entrevistaram ontem o presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal, sobre os últimos despedimentos, anotando-lhe que não tinham sido feitos de harmonia com as propostas de economia apresentadas por este Grémio, visto que, ainda se mantêm os serviços extraordinários, prova evidente da insuficiência do pessoal.

Em resposta ponderou aquele senhor que em virtude da razão e justiça das reclamações apresentadas por este Grémio, as iria apresentar à comissão respectiva a fim de serem devidamente estudadas.

## Outro holandês em Macau..

Com o ministro das Colónias teve uma demorada conferência o engenheiro holandês Van Dijt de Jende, sobre as obras do porto de Macau.

## Vida Sindical

## C. G. T.

## Comité Confederal

Para tratar dum assunto importante que se prende com a vida de «A Batalha» reúne hoje, pelas 17 horas, o comité confederal. A gravidade do assunto exige a presença de todos, inclusive os demissionários.

## Comissão de Federações

Pelas 21 horas, na sede da calçada do Combro, reúne-se hoje a comissão de federações, para dar andamento aos trabalhos de que foi incumbida.

## Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

## Conselho de Delegados

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados, com a seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação dos cargos vagos de secretário geral e secretário adjunto;

Apreciar os pareceres da comissão revisora de contas e comissão de inquérito a Eduardo Ortiz.

Dada a importância dos trabalhos a realizar, principalmente do seu primeiro número, que é preciso que fique resolvido para o bom andamento da Câmara Sindical de Trabalho, torna-se indispensável que todos os delegados compareçam.

## COMUNICAÇÕES

## Federação de Couros e Peles.

Reuniu-se o Conselho federal, para continuação da discussão do relatório do delegado a C. G. T., o qual foi aprovado por unanimidade. Estiveram presentes os sindicatos de Lisboa, Braga, Porto, Povoia de Varzim, Evora, Beja e Faro.

Foi resolvido publicar o relatório no órgão da Federação — que vai iniciar a publicação brevemente. Também foram aprovadas duas moções referentes ao conflito na C. G. T., que deram motivo à nota officiosa desta Federação e ratificar a confiança aos delegados na C. G. T., e dirigir-se a toda a organização operária no caso do Conselho Confederal que venha a constituir-se não seguir uma orientação que respeite os princípios confederais e as decisões dos Congressos ou que use dos mesmos processos que usou a maioria do conselho actual. As mesmas moções propõem também que a Federação pugne pela nomeação duma comissão que analise, com bom critério e imparcialidade, as notas de despesa de todas as delegações feitas desde a fundação da C. G. T.

**Manifesteram de Calçado.** — A Comissão Administrativa deste sindicato apreciou a «nota» ontem publicada em *A Batalha*, na qual a Associação dos Alfaiates, desaturando o espírito duma comunicação que lhe foi feita como resposta a uma pergunta que aquele organismo anteriormente lhe dirigiu, termina por fazer um «repto» a este sindicato. Resolveu responder em «nota officiosa» ao referido «repto» logo que consiga a cópia fiel da documentação pela qual demonstrar a veracidade e justiça das razões — não — acusações — que apresentou ao Sindicato dos Alfaiates.

## Fretadores de Construção Naval.

Não se realiza hoje a assembleia geral, ficando transferida para a próxima semana.

**Manipuladores de Pão.** — A *Batalha* de ontem, em nota deste sindicato, comunicava resoluções acerca dos delegados deste sindicato à C. G. T., quando o assunto se referia, exclusivamente, à Câmara Sindical do Trabalho (C. S. T.). Fica, assim, feita a rectificação.

**Sindicato da Construção Civil.** — Secção do Alto do Pina. — Reuniu a comissão administrativa, que apreciou um officio da U. P. P., para troca dos livros da biblioteca resolvendo aceder ao convite.

**Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.** — Com regular concorrência tem reunido a aula de militantes, mantida por esta comissão, pois em todas as aulas os assuntos a comentar têm despertado a atenção dos frequentadores. Presentemente está sendo comentada a grande obra de Silva Mendes «Socialismo libertário e Anarquismo».

A aula funciona para operários de todas as classes, que se podem inscrever todas as noites das 21 horas às 23.

**Sindicato da Construção Civil.** — Secção de Belem. — Com um número regular de socios, reuniram-se em assembleia geral os operários da construção civil desta área. Em primeiro lugar foi lido o relatório de verificação de contas referente ao ano findo, o qual foi unanimemente aprovado pela assembleia. Entrando em discussão o estado financeiro do porta-voz da organização operária, varios socios se manifestaram no sentido de ser prestado a este o auxilio indispensavel, de forma a evitar a sua suspensão, sendo no final aprovado que do saldo existente fosse retirada a quantia de 100\$00. Independentemente deste auxilio immediato, foi ainda aprovado que na sede fosse aberta uma subscrição voluntária. Em seguida foi mais uma vez ventilado o assunto do horário de trabalho, constatando-se que, em prejuizo dos desocupados, têm havido alguns operários em pequenos trabalhos têm desprestado esta velha regalia. Depois de usarem da palavra varios socios, prevaleceu o criterio de que o assunto se desse por discutido, com a nomeação de mais quatro vogais com o fim de auxiliarem os que até à data têm cumprido o seu encargo.

## CONVOCAÇÕES

## REUNEM-SE HOJE:

**Fragateiros.** — Pelas 19 horas, em assembleia geral.

**Sindicato Metalúrgico.** — Secção do Alto do Pina. — Pelas 20 e meia horas, a comissão reorganizadora.

**Federação de Couros e Peles.** — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

**Manipuladores de Pão.** — Comissão Administrativa. — Pelas 21 horas, para assunto urgente.

**S. U. C. Civil.** — Secção de Pedreiros. — Amanhã, pelas 20 e meia horas, a comissão administrativa.

**Federação Metalúrgica.** — Pelas 21 horas, o conselho federal, com a seguinte

## Em defesa das 8 horas de trabalho

## Nota officiosa da Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil aos Sindicatos da Construção Civil de todo o País

Camaradas:

Uma das maiores conquistas dos operários da construção civil (o dia máximo das 8 horas de trabalho) está actualmente em perigo.

Trama-se na sombra e publicamente a alteração da lei em vigor de 8 para 10 horas de trabalho, e com este objectivo algumas organizações patronaes tem procurado o governo.

Tendo a imprensa diaria publicado um «consta-se que o Governo pensa em modificar o horario de trabalho alargando-o para 10 horas» este, não tendo até à data desmentido semelhante «consta-se», deixa antever o propósito de satisfazer a exploradora pretensão do patronato.

Ainda o horario de trabalho actual não era estabelecido por lei, já os operarios da construção civil de varios pontos do País tinham como horario de trabalho o dia de 8 horas.

Por todos os motivos de ordem física, sociológica, e a demonstração scientifica de que as grandes jornadas de trabalho longe de aumentar a produção, a torna imperfeita e de menos rendimento, mas ainda como principal elemento da razão que nos assistia no facto de os mestres de obras e proprietários, em invernos consecutivos, negarem sistematicamente o trabalho aos operários da construção civil, aguardando para o verão a construção das suas obras e reparações nos seus prédios, porquanto, sendo os dias de verão maiores, maior seria a sua exploração, pois que arrancavam aos operários um maior numero de horas de trabalho; constatava-se assim que nas épocas de inverno, quasi todos os operários da construção civil atravessavam tremendas crises de trabalho com todas as suas consequências de longos meses de fome e miséria.

Para que esta situação terminasse só havia um recurso que consistia na conquista de igual jornada de trabalho tanto para o verão como para o inverno, e com este objectivo os operários da construção civil, numa greve monstro, que teve o seu inicio em Abril de 1916 e na qual se lançaram 60.000 operários, viam, passados 8 dias, coroada de êxito a sua justa pretensão, e dessa data em diante começaram colhendo os efeitos benéficos da jornada de 8 horas.

Mais tarde, tornado lei o horario que parte dos operários da construção civil já possuíam, ela veio, no entanto beneficiar o operariado de diversos pontos do país que, mercê da sua incúria e desorganização, ainda não tinham conseguido pelo seu esforço colectivo alcançar tal regalia.

Agora pretende-se modificar a lei em vigor, aumentando o dia de trabalho de 8 para 10 horas, sem que absolutamente nada o justifique; pois que nem sequer o governo e a classe patronal podem alegar que tal medida visa a um aumento de produção, quando se constata que através do país milhares de operários de todas as indústrias e em especial da construção civil não têm sequer onde trabalhar uma hora, encontrando-se há meses consecutivos a braços com uma enorme crise de trabalho.

Operários da Construção Civil!

Não podemos nem devemos consentir tal afronta que seria o cúmulo do escárnio à miséria de milhares de operários sem trabalho, o regresso às antigas condições de trabalho de verão, morrendo de fome durante o inverno; e, por todas as razões apontadas, o arrancarem-nos uma regalia cuja conquista através dos tempos tem sido cimentada no sangue dos trabalhadores.

Soubemos por nosso esforço próprio conquistar o dia de 8 horas de trabalho; é necessário que também por nosso esforço saibamos através de tudo manter a conquista que com tanto sacrificio foi alcançada.

Urge que imediatamente os operários da construção civil de todos os pontos do país, fortaleçam o seu sindicato, e se levantem numa acção enérgica de protesto, não consentindo por maneira alguma que os decretos n.º 5516 e 10782, que ao horário de trabalho se referem, sejam alterados. Neste sentido deverão effectuar sessões e comícios de protesto contra a pretendida alteração dos supracitados decretos, enviando ao ministro do Interior officios ou telegramas, onde claramente deverão demonstrar as conclusões das moções e protestos nas referidas sessões e comícios aprovados.

A Federação da Construção Civil

## Queda desastrosa

Por sua mulher, Lina da Costa, foi hontem identificado no Hospital de S. José, aquele individuo que caiu antontem à noite da janela de um prédio da calçada do Carmo para o saguão do Café Nacional, na rua 1.º de Dezembro.

Chama-se José Fortunato, de 28 anos, natural de Lisboa, exercia a profissão de engraxador e residia no Alto dos Toucinheiros n.º 6, o qual continua sem fala na Sala de Observações, em estado gravissimo.

ordem: Preenchimento de cargos vagos; situação da C. G. T.; moção de que trata o órgão federal; assuntos varios.

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

**Federação.** — Reúne hoje, pelas 20,30, o comité federal.

**Núcleo de Lisboa.** — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o